
DESTERRITORIALIZAÇÃO E PERDA DA AURA: UMA ANÁLISE DA CRÔNICA DE JOSÉ FERNANDES*

Rosimeire Soares da Silva**
Maria Aparecida Rodrigues***

Resumo: *este estudo, de cunho teórico, objetiva demonstrar como a crônica de José Fernandes, por se tratar de um objeto artístico literário contemporâneo, promove nova leitura mediante a desterritorialização e perda parcial da aura. Sobre isso, questiona-se: a crônica, em seu processo evolutivo e em meio à era da reprodutibilidade artística, perdeu a aura? Foi emancipada? Para tanto, este estudo está ancorado na teoria estética de Benjamin, territorialização e desterritorialização de Deleuze e Guatarri; cronotopo e dialogismo de Bakhtin. Como recorte metodológico, utilizou-se a pesquisa teórica com abordagem qualitativa e ênfase no conceito de arte como fenômeno estético-discursivo, passível de interpretação crítica. E no que se refere ao modo de tratamento do objeto de estudo, trata-se de uma pesquisa bibliográfica com amplitude descritivo-explicativa. Assim, a crônica de JF nega alguns postulados a respeito desse tipo de narrativa curta e se configura como o Fiat criador enquanto gênero ficcional.*

Palavras-chave: *Crônica Contemporânea. Aura. Desterritorialização.*

Este artigo tem como finalidade demonstrar como a desconstrução do objeto artístico, mediante a desterritorialização, sinaliza para novas possibilidades de leitura⁴. Para isso, foram analisadas, a partir de interpretação crítica, algumas crônicas de José Fernandes⁵, sendo: *Insônia, A Inteiramente Outra, Sua Excelência o cliente, O inferno são os outros, Natais, É preciso fingir e Arguriocentrismo*.

A princípio, remonta-se a ideia de que a crônica fernandesiana surge como objeto artístico mediante a desconstrução norteada pela filosofia da história da arte, aliada à perda da aura, pre-

* Recebido em 02.03.2017. Aprovado em: 31.03.2017.

** PG PUC Goiás.

***PUC Goiás. E-mail: mariacidarodrigues2013@gmail.com.

ditas por Benjamin⁶. Na sequência, observa-se que a desconstrução como *Fiat* se envereda pela desterritorialização da crônica. Por sua vez, essa desterritorialização, amparada pela filosofia de Deleuze⁷ e Guattari⁸, é, neste estudo, tomada como empréstimo.

Para isso, alude-se  amplitude de território e de reterritorialização na arte aqui estudada, devido aos caminhos percorridos por esse enunciado relativamente estvel⁹. Por fim, objetiva-se retomar ao dialogismo e  polifonia como materialização da modernização da crônica, além de demonstrar que a desconstrução se trata, dessa forma, da ruptura com a crônica tradicional, pois foram impressos, nesse objeto, novos moldes os quais, a partir da recriação cronotópica, corroboram um novo Fiat¹⁰ criador.

Para tanto, no primeiro momento, objetiva-se, neste artigo, fazer uma abordagem da crônica, ora sitiando a crônica de maneira geral, como gênero do discurso, ora referindo-se  obra literária de José Fernandes, o objeto artístico pesquisado.

EMANCIPAÇÃO DA ARTE

Conforme Benjamin (1987, p. 36), “[...] todas grandes obras literárias ou inauguram um gnero¹¹ ou o ultrapassam”. Nessa via, parodiando esse filósofo, reflete-se que a crônica de JF, por pertencer ao rol das grandes obras, não se permite repetir configurações já naturalizadas. Dessa forma, a obra, em apreço, não inaugura um gênero do discurso, mas ultrapassa esse objeto artístico.

Esse “ir além” está diretamente relacionado à perda da aura¹² e  emancipao¹³ da arte. Para Benjamin (1987), como o objeto artístico não cumpre mais uma função nos cultos religiosos, permite-se o surgimento da arte profana, no Renascimento. Ressalta-se que foi dessa instabilidade que surgiu a arte pura¹⁴, a arte pela arte.

Ainda, na perspectiva de Benjamin, com a era da reproduzibilidade técnica, a arte deixou de estar vinculada aos seus rituais mágicos e religiosos, todavia, na modernidade,  medida que as obras artísticas se emancipam, isto é, tornam-se independente de sua possível função mítica e seu instante de criação, aumentam as ocasiões para que elas sejam reproduzidas e expostas (BENJAMIN, 1987, p. 173). Por isso, a percepção humana sobre um objeto artístico também não pode ser única.

Neste instante, a crônica é apontada como objeto de arte e se anuncia que serão intercaladas reflexões sobre a arte (de maneira geral) e sobre objeto artístico crônica e, também especificamente, sobre a obra de JF.

Por ser um tipo relativamente estável de enunciado e objeto artístico, a crônica, assim como a arte de maneira geral, sofre atualizações inerentes às mudanças do tempo, porém não se muda somente sua forma e sua técnica de maneira silenciosa, mudam-se, também, as maneiras de exp-la e de percebê-la.

Assim, se uma crônica, ao ser desvinculada da realidade motivadora de sua criação, pulula sensaes e promove reflexões,  possível inferir que ela está inscrita na esfera artística. Por isso, afirma-se que, a exemplo da crônica de JF “Sua Excelência, o Cliente” (2011), caso o evento desastroso relativo  impotência do cliente mediante a empresa aérea tenha ocorrido ou não o foco não é esse; se o objeto artístico poderia ou não denunciar o desconforto do eu locutor, não se discute neste estudo, contempla-se, todavia, o fato de a crônica estar inscrita em uma esfera

de negação do significado e abarcar algumas possibilidades significativas inerentes à arte escrita.

Observa-se, assim, que inicialmente a crônica, no Brasil, não significava, para o jornal, um impulso de vendas, pois eram apenas comentários em notas de rodapé. O grande impulso, todavia, se tratava das notícias publicadas nesses veículos de comunicação.

Mas vale ressaltar que com o declínio da aura:

[...] é fácil identificar os fatores sociais específicos que condicionam o declínio atual da aura. Ele deriva de duas circunstâncias, estreitamente ligadas à crescente difusão dos movimentos de massas. Fazer as coisas “ficarem mais próximas” é uma preocupação tão apaixonada das massas modernas como sua tendência a superar o caráter único de todos os fatos através de sua reprodutibilidade (BENJAMIN, 1987, p. 170).

Assim, na era da reprodutibilidade técnica da obra de arte, aponta-se para a irresistível necessidade de se possuir um objeto, mesmo que seja sua imagem ou sua cópia. Isso também pode ser visto no processo de evolução do gênero do discurso em estudo, pois como o fato e a notícia passam, restam as possíveis leituras sobre eles. Nisso reside o ato criador da crônica, haja vista que essas narrativas curtas eternizam, não o fato em si, mas uma maneira de perceber esse acontecimento.

Ainda na perspectiva da emancipação da crônica e perda da aura, geradoras da desconstrução do gênero do discurso fernandesiano, percebe-se que, historicamente, com esse objeto de arte ocorreu o inverso do que Benjamin anuncia. Como a crônica jornalística brasileira¹⁵ já se efetivou na era da reprodutibilidade técnica, primeiro esteve próxima das massas com comentários aleatórios, nos folhetins, para depois ganhar sua independência e seu estatuto ontológico¹⁶. Só nessa via, a crônica finalmente se caracterizou como objeto artístico, uma vez que deixou de estar completamente associada ao fato motivador para depois, também, perder parcialmente¹⁷ a aura.

Vale ressaltar, dessa forma, que no caso da crônica quando se trata da reprodutibilidade, não se alude ao ato de fazer cópia do enredo narrativo, reproduz-se, nesse caso, a técnica de produzir a crônica, mas que sobre isso ainda se confere complexidade, posto que esse tipo relativamente estável de enunciado não possui forma predeterminada, possui, sim, condição de se adaptar¹⁸ ao humor, ao jornalismo, à literariedade.

Nesse sentido, em referência à obra aqui estudada, nota-se que sua desconstrução está intimamente relacionada à emancipação¹⁹ aliada à perda parcial da aura (a crônica está sempre associada ao acontecimento cotidiano, mas não se trata da realidade, pois o cotidiano, nesse gênero relativamente estável, é também uma invenção), bem como à atualização do objeto reproduzido e a maneira de percebê-lo.

A DESTERRITORIALIZAÇÃO DA CRÔNICA

A consciência de que as crônicas de JF, aqui desveladas, se efetivaram parcialmente emancipadas e pertencentes à arte sem aura, devido à alusão à proximidade do objeto artístico

bem como a possibilidade de se reproduzir a técnica desse objeto artístico, impõe-se a observação de que esse gênero do discurso possui mobilidade. Esse movimento implica a existência de um lugar de origem²⁰, suas motivações para a transposio²¹, bem como a redefinição em um novo lugar²².

Assim, antes de se sugerir especificidades sobre a desterritorialização da crônica,  necessário destacar o território que, segundo Deleuze (1997, p. 114), “[...] surge numa margem de liberdade do código, não indeterminado, mas determinado de outro modo”. A esse respeito, pode-se inferir que da linguagem artística, assim como da linguagem comunicacional, constroem-se palavras de ordem²³, como por exemplo: “As crianças devem respeitar os mais velhos”, “As pessoas não devem ser dissimuladas”, “Os políticos são corruptos”, “As mulheres fazem qualquer coisa por vaidade”. Essas ideias, retiradas das crônicas aqui analisadas, delimitam um espaço, denominado territrio²⁴.

Além disso, sugere-se que a crônica de JF se desterritorializa, ou seja, desconfigura a palavra de ordem de duas formas: a primeira está relacionada a questões externas ao objeto artístico, ou seja, ao fato de a crônica fernandesiana se deslocar do suporte jornalístico (princípio de efemeridade) para se ancorar no livro (ideia de perenização).

A segunda possibilidade de desterritorialização do gênero do discurso, aqui evidenciado, ocorre mediante a desestruturação de sua forma original de criação artística emancipada, ou seja, a crônica está parcialmente vinculada dos fatos motivadores (questões internas, discursivas) e instaura o dialogismo como elemento inovador. Assim, essas crônicas se apoiam na desconstrução a partir do dialogismo e da polifonia. O dialogismo marca a desterritorialização a partir do embate bakhtiniano de que “tudo já foi dito”, ou seja, essa palavra de ordem de que não há mais o que ser dito demarca um território para, em seguida, desterritorializ-lo, posto que  possível “dialogar” com o que já foi externado em outro tempo, em outra época, em outra ciência.

A partir dessas constatações, pode se pensar, no caso da crônica de JF, a polifonia também como desterritorialização, haja vista que essas obras possuem dialogismos que produzem um intercâmbio artístico e se instauram como um simulacro. Isso significa que as palavras de ordem, na obra aqui estudada, devem ser questionadas, pois é preciso desconfiar de tudo, já que as personagens podem estar simulando o tempo todo. Há sempre o enunciado (relativamente seguro) em oposição  enunciação instaurada em momentos distintos.

Dessa forma, esse objeto imprime caráter moderno o qual a reelabora como tipo relativamente estável de enunciado através da reterritorializao²⁵ como reinserção em um novo espaço, de um novo tempo, em um novo território.

Então, da discussão sobre a desterritorialização, inerente aos filósofos contemporâneos Deleuze e Guattari (1995), presume-se que a crônica de JF, por pertencer  pós-modernidade²⁶, faz uso das atribuições próprias da reterritorialização. Sobre isso, esses filósofos asseveram que a desterritorialização se trata do impulso motor instantâneo para se engendrar o novo território.

Por meio desse pensamento, infere-se, também, que a obra fernandesiana seja um novo território, ao mesmo tempo em que também ocupa um novo território. Isso se ratifica, ao passo que essa obra ampara alguns códigos como o tracejar de elementos do cotidiano inventado, imaginado, bem como as discussões e relevâncias filosóficas, ou seja, tratam-se de crônicas que

transitaram do jornal para o livro e dinamizam reflexões do cotidiano aparente às reflexões filosóficas.

Presume-se, então, que essa crônica ocupa também um espaço de constantes mudanças, já que a territorialização “[...] se estabelece nas margens do código de uma mesma espécie e que dá aos representantes separados desta espécie a possibilidade de se diferenciar” (DELEUZE, 1997, p. 114). Assim, verifica-se que essas narrativas curtas corroboram esse movimento ao romper com a crônica tradicional e se instaurar em novo território, por meio da desconstrução dialógica.

RECRIAÇÃO CRONOTÓPICA: “FAÇA LUZ”

O cronotopo²⁷ da crônica de JF emerge em vias de uma nova categoria conteudístico-formal dessa obra e consiste, juntamente com a emancipação parcial²⁸ desse gênero do discurso, bem como aliada à desterritorialização e reterritorialização dessa arte, na desconstrução e no *Fiat* da crônica contemporânea. Para tanto, reporta-se a Bakhtin com intuito de aclarar que, no cronotopo artístico:

[...] ocorre a fusão dos indícios espaciais e temporais num todo compreensivo e concreto. Aqui o tempo condensa, comprime-se, torna-se artisticamente visível; o próprio espaço intensifica-se, penetra no movimento do tempo, do enredo e da história. Os índices do tempo transparecem no espaço e o espaço reveste-se de sentido e é medido com o tempo (BAKHTIN, 2010c, p. 211).

Nesse sentido, remete-se à ideia de que em um texto literário há um tipo, ou um método, ou um tom para se desenvolver o enredo. Todavia, optou-se, neste artigo, por não trazer outras crônicas para se comparar com as de JF, resolveu-se, então, adentrar ao cronotopo das crônicas do autor em apreço.

Na sequência, passa-se a exemplificar o cronotopo, ou seja, o método fernandesiano de fusão entre tempo e espaço, com intuito de mapeá-lo, nas crônicas “Insônia” (FERNANDES, 2005, p. 99) e “A Inteiramente Outra” (FERNANDES, 2011, p. 45).

No caso das duas crônicas acima, o ponto de partida da narrativa ocorre com um encontro²⁹: Acríbeo e Epistêmio, em “Insônia”; Olegária e Alélia, em “A Inteiramente Outra”. Nessas duas obras, o encontro é a ocasião, situada em um tempo e lugar indefinidos, em que as personagens estão simultaneamente e por acaso nesse mesmo tempo e mesmo lugar. Quanto ao possível motivo do encontro faz parte do enredo e, segundo Bakhtin (2010c), o enredo precisa do cronotopo para se tornar um acontecimento.

Assim, ainda no ponto de partida, as personagens exprimem alguma situação que as incomoda. No caso da narrativa intitulada “Insônia”, o encontro ocorre mediante o olhar de apreciação de Epistêmio, pois ele percebe a presença do outro “-Você está parecendo um extraterrestre, Acríbeo! –É verdade! Devo estar com os olhos vermelhos. Passei...” (FERNANDES, 2005, p. 99). Nesse sentido, observa-se que não há presença de narrador para, legitimamente, coordenar o encontro das personagens. O encontro é tempo e espaço instaurados simultaneamente.

Na crônica “A Inteiramente Outra” também  elucidado o encontro. Já nessa narrativa curta, o referido encontro  promovido pela voz narradora:

Olegria arregalara os olhos como se estivesse diante de um fantasma. A moça ao v-la, abraçou-a como se fossem amigas de longa data. Mesmo com uma memória de elefante, não se recor-dava de havê-la visto antes, mas tinha de fingir-se amável até conseguir descobrir-lhe o nome e restaurar a imagem perdida (FERNANDES, 2011, p. 45).

Observa-se, assim, que mediante autorizao do narrador, bem como a demarcao do en-contro, as personagens passam a dialogar entre si.

Durante o desenvolvimento da narrativa, o tempo como condutor do cronotopo se funde com o espaço gerado apenas pelo encontro. Faz parte também desse cronotopo: o fato de uma personagem não persuadir a outra; o tempo ser o real, apenas o presente³⁰ da discussão estabe-lecida.

Além disso, faz parte dessa fusão tempo e espaço o fato de as personagens recorrerem aos dialogismos estabelecidos com a filosofia, a arte (literária e outras), bem como aos contextos po-ltico-sociais recortados pelas personagens e contemplados em suas discussões. Ressalta-se, nessa via, que pouco se sabe do lugar onde as personagens estão e quanto ao tempo, reitera-se que a alusão ao tempo real do discurso estabelecido no enunciado relativamente estável.

Evidencia-se, assim, que no final do texto literário, normalmente as personagens não con-venchem uma a outra e nem são convencidas. Presume-se que elas expõem pensamentos através de teias dialógicas, facilmente compreendidas por elas, mas não se demarca tempo (transio e velocidade do tempo). Desse cronotopo, deduz-se, então, que uma personagem não amadurece, nem muda de opinião.

Nesse construto, verifica-se que, no ponto de chegada do cronotopo das crônicas fernande-sianas, normalmente o estado de ânimo das personagens é basicamente o mesmo, seja esse estado ilustrado, no início da narrativa, pela aversão a alguma situao, indignao, irritao ou mesmo apatia. Isso pode ser evidenciado nas crônicas sugeridas acima, pois no caso de Olegria e Alélia, a professora não concorda com o posicionamento da outra, mas não foi contagiada pelas ideias da ex-aluna:

Credo! Ela não mudou são de aparência! A cabeça também deve ter passado por uma cefaloplas-tia, ou por uma amnestoplastia, pois perdeu todo o recato que uma mulher deve ter.

– Pois , Professora! Para isso, submeti-me a uma ninfoplastia e até a uma himenoplastia para recuperar sensaes de que havia me esquecido. Depois, se não estiver tudo no lugar, como dizem, a menina não olha pra você! Como me envaideo quando pensam que tenho vinte e poucos anos! Não há alimento melhor para o ego!

Santo Deus, creio que ela se submeteu até a uma logoplastia, porque decorou todos os termos ci-rrgicos possíveis; mas perdeu o sentido da pudcia. Tenho a impressão de que passou também por uma pneumoplastia ou uma psiqueplastia; mas está necessitando mesmo é de uma psicote-rpia. Posso estar enganada, mas... (FERNANDES, 2011, p. 46).

Assim, mesmo mediante o entusiasmo da ex-aluna no que se refere às intervenções cirúrgicas, durante toda a narrativa, a professora não se aderiu ao posicionamento a respeito das ideias defendidas por Alélia.

E, no caso de Epistêmeo e Acríbeo, na crônica “Insônia”, além de não mudarem de opinião, essas personagens possuem pensamentos convergentes. No caso específico dessa narrativa, a convergência é em relação à simbologia do rato:

- [...] *Parece castigo: quanto mais desgosto de uma coisa para que ela me persiga. Detesto ratos!*
- *Eu também! Por ser um animal esfomeado, dá-me a impressão de alguém que quer devorar Tudo que se encontra à minha volta!*
- *Realmente, seus simbolismos, à exceção, talvez da fecundidade, tendem sempre para aspectos negativos.*
- [...]
- *Deve ser! Há até uma instituição financeira que o adotou como símbolo! Talvez porque esse animal, por seu caráter prolífico, represente a multiplicação infinita dos lucros dessa e todas as instituições que trabalham com dinheiro.*
- *Sabe que você tem razão [...] (FERNANDES, 2005, p. 99-101).*

Dessa forma, observa-se que as personagens, embora demarquem enunciados independentes, complementam as ideias uma da outra. Ainda nessa via, pode-se observar a evidente consonância de ideias entre Sancho e Acríbeo, na crônica “O inferno são os outros”:

- *Sabe que você tem razão, Acríbeo?! Quando assisti à peça de Sartre, **Entre quatro paredes**, não sei se porque ainda era muito jovem e cego à dança das palavras, achei que ele houvera exagerado: aquele tipo de relacionamento, pautado pelo desejo de aniquilar o outro, a creditava, não passava de ficção, fruto da imaginação de um filósofo pessimista que via em tudo má-fé, angústia e, às vezes, náusea. [...]*
- *Hoje você ainda crê que a inveja e os males que ela traz à humanidade são apenas obra do imaginário de quem procura as causas das dores do mundo, principalmente o nada que nos aflige e que, para superá-lo, é preciso destruir o outro, como se fosse ele a caixa de Pandora?*
- *Gostaria de continuar acreditando que tudo não passa de criação de uma mente fértil e que as desavenças entre que as pessoas só ocorre em nível de ficção [...]*
- *Realmente, basta que se seja humano para se ser bafejado pelas harpias que roem o destino, precipitando-nos homens ou semideuses, nas profundezas dos nossos limites. Se houve uma época em que até os deuses padeciam de paixões humanas e eram derrotados pelo ódio dos mais poderosos [...]*
- *A ficção nada mais faz que imitar a realidade!*
- *Claro! Tanto é verdade que os aparentes exageros muitas vezes não passam de alegorias de acontecimentos de nosso dia-a-dia (FERNANDES, 2005, p. 67).*

Assim, aludindo-se à filosofia sartreana, as personagens se convergem no pensamento de que o ser humano vê no outro seu próprio inferno.

Outra narrativa curta, por meio da qual se pode comprovar a questão cronotópica associada ao fato de as personagens não mudarem de opinião  “Natais” (FERNANDES, 2005). Nessa crônica, a voz locutora demonstra que seu debate não implica uma mudança de pensamento, pois seu cronotopo prevê a não alterao de posicionamento, conforme se pode verificar em “De repente mais um ano” (idem, p. 143). Desse enunciado, infere-se a ideia de repetio, circularidade. Assim, passa-se a destacar eventos já concluídos no tempo-espaço, mas presente na mente e locuo do narrador. Nota-se, dessa maneira, que o cronotopo dessa crônica não admite mudança de opinião da personagem, inclusive pelo fato de ela relatar fatos anteriores ao momento da narrativa.

Essa aparente negao da exaltao emocional, comprimida do tempo-espaço das crônicas, sugere um autocontrole das personagens o qual se conduz, possivelmente, pela ironia enraizada nas teias discursivas e validada pelo método ou novo cronotopo da crônica de JF.

Isso ocorre, por exemplo, na narrativa curta intitulada “ preciso fingir”, uma vez que Hegio afirma que é preciso fingir. Essa personagem entende que o fingimento é o melhor ataque e a melhor defesa. Em contrapartida, a personagem Filoplema se posiciona contra a ideia do fingimento. Para ele, o indivíduo deve manifestar claramente sua condio de opositor. Durante o desenvolvimento da crônica, cada personagem defende seu ideal e nem uma consegue persuadir a outra, conforme segue:

- *Comigo, isso nunca vai acontecer! Fingir que tudo está bem, quando não está, não faz parte de minha índole.*
- *[...]Sei que é uma atitude um tanto diabólica; mas nada como pagar com a mesma moeda, e a pessoa se julgar no pedestal da glória!  uma forma de bem viver, ou melhor, de conviver em uma sociedade hipócrita!*
- *Acho melhor guerra declarada!*
- *Você e o Bush podem dar as mãos. Acredito que o melhor é a guerra fria, em que você nem armas têm e finge t-las* (FERNANDES, 2005, p. 94).

Dessa forma, corrobora-se a unidade cronotópica de uma personagem não mudar de posio mediante a argumentao da outra.

Passa-se destacar que, embora a obra em estudo seja predominantemente narrativa, a progressão temporal não ocorre com marcas oriundas de escolhas lexicais relacionadas à demarcao de tempo e lugar. Essa evoluo cronotópica é marcada pelo fato de as personagens estabelecerem discussões de opiniões ou mesmo discussões filosóficas acerca de outro discurso.

Isso ocorre, por exemplo, na crônica “Arguirocntismo”. No início da obra, residem alguns elementos pertencentes à narrativa tradicional, posto que há um narrador que ambientaliza a personagem, em casa, e promove a locomoo interna dessa personagem com intuito de atender o telefone:

O telefone toca. Epistêmeo deixa-o tilintar, sem se dar ao trabalho de atendê-lo. Quando chega à casa, gosta de silêncio. Não há nada melhor para recuperar-se de um dia estafado que o siln-

cio. Mas, ele insiste uma, duas, três vezes. Epistêmeo não suporta mais o repique da sineta e se decide por um seco alô (FERNANDES, 2005, p. 86).

E do outro lado da linha o amigo Asprício interroga sobre o significado da palavra argui-riocentrismo. A partir desse questionamento, a sequência narrativa é interrompida, haja vista que a progressão passa ocorrer mediante a inserção de informações sobre outros “centrismos” e questionamentos acerca do vocábulo indicador do dinheiro no centro:

O moiracentrismo perdeu até o advento da Idade Média, conhecida pelo seu forte teocentrismo [...] O homem renascentista, achando-se dono da terra, talvez influenciado pelas descobertas da ciência e de novas terras, colocou-se no centro do universo: antropocentrismo. [...] Mas ainda no renascimento, podemos dizer que houve também o reinado da natureza, uma espécie de panteocentrismo ou de fiseocentrismo [...] No argui-riocentrismo não há lugar para sentimentalismos, nem mesmo para o amor: tudo que se faz é voltado para o lucro, para aquisição de mais dinheiro (FERNANDES, 2005, p. 87-9).

Nessa via, confirma-se que o cronotopo da obra fernandesiana é constituído mediante a fusão do elemento narrativo com o elemento expositivo-argumentativo, bem como corrobora que a arte também pode versar sobre teorias, sejam elas de recuperação histórica ou filosofias.

Portanto, essa recriação cronotópica contribui para a desterritorialização interna e externa da crônica estudada e esta, por sua vez, é parcialmente emancipada, eclodindo-se como *Fiat* criador que impera na condição de atualização do gênero do discurso contemplado. No caso da obra aqui contemplada, essa atualização confirma a desconstrução dialógica.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Mediante análises das crônicas de José Fernandes, sitiadas neste estudo, procurou-se mostrar uma das possibilidades de leitura da obra do autor citado. Por meio de apreciações críticas, registrou-se como caráter conclusivo a recuperação da história da arte e a perda da aura aliada à emancipação artística. Assim, evidenciou-se que a crônica fernandesiana, por pertencer à era da reprodutibilidade técnica, possivelmente se inseriria em uma esfera de obras sem aura e emancipada, todavia essa vertente não foi confirmada. Observou-se que essas crônicas são parcialmente emancipadas, haja vista que surgem a partir de uma realidade, mas ressalta-se que essa realidade é também criação.

Apresentou-se a desterritorialização por que passa a obra em estudo a fim de se reterritorializar-se. Essa desterritorialização ocorre mediante a desconfiguração de palavras de ordem em duas formas: interna, por meio do dialogismo e da polifonia, bem como a externa quando a obra se desloca do jornal para o livro. Além disso, ficou evidente a desconstrução no ato criador dessa obra, também, a partir do novo cronotopo instaurado. Isso remete à ideia de que o tom impresso pela fusão espacial e temporal, ao ancorar o enredo nas crônicas estudadas, constituem um novo *Fiat*.

Portanto, pode-se comprovar que o objeto em estudo, com o novo cronotopo a partir da desconstrução anunciada, instaura uma nova configuração para essa narrativa curta. Dessa forma, a crônica de José Fernandes representa um marco na arte literária atual em Goiás, quiçá, no Brasil.

DETERRITORIALIZATION AND LOSS OF AURA: AN ANALYSIS OF THE CHRONICLE OF JOSÉ FERNANDES

Abstract: *this theoretical study aims to demonstrate how the chronicle of José Fernandes, because it is a contemporary literary artistic object, promotes a new reading through deterritorialization and partial loss of the aura. On this question, does the chronicle, in its evolutionary process and in the midst of the era of artistic reproducibility, lose its aura? Was it emancipated? For this, this study is anchored in the aesthetic theory of Benjamin, territorialization and deterritorialization of Deleuze and Guattari; Chronotope and dialogism of Bakhtin. As a methodological clipping, we used theoretical research with a qualitative approach and emphasis on the concept of art as an aesthetic-discursive phenomenon, amenable to critical interpretation. And with regard to the method of treatment of the object of study, it is a bibliographical research with descriptive-explanatory amplitude. Thus, the JF chronicle denies some postulates regarding this type of short narrative and is configured as the creator Fiat as a fictional genre.*

Keywords: *Contemporary Chronic. Aura. Desterritorialization.*

Notas

- 1 Considera-se a obra de arte sempre aberta e dessa forma infinita em possibilidades de leitura.
- 2  cronista, contista, poeta. Autor de várias obras literárias; Conferencista Nacional e Internacional; Teórico de Linguagem e Crítico Literário. Pertence a Academia de Letras de Goiás, União Brasileira de Escritores, seção de Goiás, Instituto Histórico e Geográfico de Goiás e a Associação Brasileira de Literatura Comparada. Recebeu diversos prmios literários e honrosos títulos de Cidadão Goiano e Goianiense.
- 3 Walter Benedix Schnflies Benjamin – Nasceu em Berlim, 15 de julho de 1892 — Faleceu em Portbou, 27 de setembro de 1940. Foi um ensaísta, crítico literário, tradutor, filósofo e sociólogo judeu alemão. O seu trabalho constitui um contributo original para a teoria esttica. Por “aura”, entende-se o momento único do surgimento de uma obra de arte.
- 4 Filósofo francês, nascido em 18 de janeiro de 1925. Gilles Deleuze faleceu em 4 de novembro de 1995 e foi contemporâneo e amigo de Michel Foucault. Para Deleuze, a filosofia, tal como qualquer outra disciplina, possui uma função específica: criar conceitos.
- 5 Pierre-Félix Guattari – Nasceu em Villeneuve-les-Sablons Oise, 30 de Abril de 1930 — Faleceu em Cour-Cheverny, 29 de Agosto de 1992) foi um filósofo e militante revolucionário francês. Atuou com Gilles Deleuze. Juntos escreveram *Anti-Édipo*, *Capitalismo e Esquizofrenia* e *O que  Filosofia?*, entre outras obras.
- 6 Na perspectiva bakhtiniana, trata-se do gênero do discurso.
- 7 Faça-se a luz. Palavras através das quais, segundo o texto bíblico de Gnesis, Deus criou a luz.
- 8 Nesse trecho, Benjamin faz alusão ao gênero literário e não ao gênero do discurso. Este, por sua vez, Bakhtin o denomina de tipos relativamente estáveis de enunciado.
- 9 Segundo Benjamin, aura é o surgimento único de uma obra, sua unicidade, bem como o aqui e agora do original também denominado de autenticidade. (1987, p. 171)
- 10 Ao longo da história, a obra de arte existia a serviço dos cultos, por isso não se importava que ela fosse vista, o importante era a existência dessa produção artística. No entanto, presume-se que a arte, devido ao surgimento da era da reproduzibilidade técnica, foi desvinculada dos cultos. A isso, Benjamin chamou de emancipação. (BENJAMIN, 1987, p. 173)

- 11 Na literatura, esse tipo de arte foi inaugurado por Mallarmé.
- 12 As crônicas jornalísticas se originaram por meio de publicações em nota de rodapé, iniciadas, em 1854, por José de Alencar, cronista e romancista brasileiro.
- 13 Estatuto ontológico está relacionado ao “ser” da crônica. Vale ressaltar que este estudo não objetiva mapear e especificar esse estatuto, objetiva-se, todavia, anunciar, sem pretensão de esgotar o assunto, a crônica como gênero do discurso em constante evolução e que esse dinamismo constitui a condição de a crônica ser adaptável às instâncias jornalísticas e literárias, por exemplo. Essas proeminências contribuem para a desconstrução dialógica impressa na crônica de JF.
- 14 Percebe-se que a crônica perde parcialmente a aura, posto que ela integra relatos diários a fim de transfigurá-los em arte.
- 15 Essa posição camaleônica da narrativa curta, aqui estudada, pode ser justificada pelo seu processo evolutivo. No século XIX, no Brasil, havia dois tipos de folhetins: folhetim-romance e folhetim-variedades. O primeiro se configurou, engendrando alguns romances brasileiros e lançou escritores como Manuel Antônio de Almeida, Memórias de um Sargento de Milícias; Raul Pompéia, O Ateneu; Lima Barreto, Triste Fim de Policarpo Quaresma, por exemplo. Já o segundo folhetim, o “folhetim-variedades” foi o que, encabeçado por José de Alencar, deu origem ao que se chama de crônica.
- 16 No caso da crônica, observa-se que a emancipação não se vincula à libertação do cotidiano real, mas do cotidiano inventado, pois este cotidiano é também uma invenção.
- 17 Alusão aos Cronicões que são os primeiros testemunhos de uma historiografia em língua portuguesa. Os cronicões são relatos cronológicos dos reinados dos diferentes monarcas, elaborados com a intenção primordial de expor situações atribuídas aos nobres. Tratam-se, portanto, de relatos históricos transmitidos na perspectiva da nobreza. Neles havia pontualmente a presença ficcional, com o objetivo de engrandecer a família retratada. Esses episódios de ficção consistiam, muitas vezes, na própria descrição de lendas, cujo protagonismo era atribuído a membros da família em questão (MOISÉS, 2006).
- 18 O folhetim de variedades, antecessor da crônica atual, era uma mistura de literatura e jornalismo, de crítica e maledicência, escrito com leveza, graça e, por vezes, com humor. Talvez por isso fosse a leitura preferida das mulheres e dos jovens. Os assuntos motivadores podiam ser relacionados ao último escândalo político, à estreia de uma peça ou do livro do momento. Tratava-se de obras com pequenas doses de malícia e ironia em detrimento de um tom ranzinza. Quando começou a escrever os folhetins de “Ao Correr da Pena”, para o Correio Mercantil, em 1854, José de Alencar esbanjava as qualidades de bom folhetinista. E mais ainda: um estilo claro, harmonioso, sedutor, de que bem poucos podiam se gabar. As crônicas se tratavam de um tipo de entretenimento equivalente à televisão, anteriormente, e à internet, hoje. (FARIA, 2003).
- 19 Inferências sobre a crônica de José Fernandes.
- 20 Ideias e conceitos pré-estabelecidos socialmente.
- 21 Segundo Deleuze e Guattari, o território irrompe sob aspecto de liberdade do código. Isso remete à ideia de que no território o código é comum e as funções que nele se exercem são produtos da territorialização (1997).
- 22 A desterritorialização, de acordo com Deleuze e Guattari (1997), ocorre ao mesmo tempo que provoca a reterritorialização.
- 23 Pensa-se a pós-modernidade, neste estudo, como a ruptura com o princípio da arte tradicional (clássica), focalizando na criação de um novo estatuto que negue o anterior ou, em referência à Hutcheon, descentraliza o princípio anterior.
- 24 Para Bakhtin, do cronotopo, infere-se a interligação inerente às relações temporais e espaciais, artisticamente assimiladas em literatura (2010c, p. 211). Ressalta-se que o teórico russo expôs, na obra citada, construtos relacionados ao romance, todavia, tomaram-se como empréstimo alguns conceitos para serem aplicados à crônica de JF.
- 25 Emancipação parcial está associada ao fato de a crônica se emancipar, ou seja, desvincular da realidade, todavia considera-se a realidade também como invenção.
- 26 O encontro é um dos motivos universais não só na literatura, mas em outros campos da cultura (Bakhtin, 2010c, p. 223).
- 27 Não se passam horas, dias, meses.

Referências

BAKHTIN, M.M. *A cultura popular na Idade Média e no Renascimento: o contexto de François Rabelais*. São Paulo: Hucitec, 2010a.

_____. *Esttica da criação verbal*; introdução e tradução Paulo Bezerra; prefácio  edição francesa Tzvetan Todorov. 4. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2003.

_____. M.M. *Problema da poética de Dostoiévski*; tradução Paulo Bezerra. – 5. ed. – Rio de Janeiro: Fofense Universitária, 2010b.

_____. M. M. *Questões de Literatura e de Esttica: A teoria do Romance*. – 6. ed. – São Paulo: Hucitec Editora, 2010c.

BENJAMIN, Walter. A obra de arte na era de sua reproduibilidade técnica. In: _____ *Obras Escolhidas: Magia e Técnica, Arte e Política*. Trad. Sergio Paulo Rouanet. 3. ed. São Paulo: Editora Brasiliense, 1987.

_____. A imagem de Proust. In: _____ *Obras Escolhidas: Magia e Técnica, Arte e Política*. Trad. Sergio Paulo Rouanet. 3. ed. São Paulo: Editora Brasiliense, 1987.

BRAIT, Beth (Org). *Bakhtin, dialogismo e polifonia*. São Paulo: Contexto, 2012.

DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Félix. *Mil Platôs: Capitalismo e Esquizofrenia*, vol. 1. Tradução de Aurélio Guerra Neto e Célia Pinto Costa. São Paulo: Ed. 34, 1995. (Coleção TRANS).

_____. *Mil Platôs: Capitalismo e Esquizofrenia*, vol. 4. Tradução de Aurélio Guerra Neto e Célia Pinto Costa. São Paulo: Ed. 34, 1997. (Coleção TRANS).

FERNANDES, José. *gua Mole*. Goiânia: Kelps; Ed. da UCG, 2005.

_____. Antigamente. In: _____. *Sua Excelência, o cliente*. Goiânia: Kelps, 2011.

_____. “Diálogo” com José Fernandes. Goiânia, Escritório do autor, 11 de jul. 2013. Entrevista oral concedida a Rosimeire Soares da Silva.

_____. *O existencialismo na ficção brasileira*. Goiânia: Ed. da Universidade Federal de Goiás, 1986.

_____. *O interior da letra*. Goiânia: SEMC-Kelps, 2007.

_____. *Sua Excelência, o cliente*. Goiânia: Kelps, 2011.

_____. *Técnicas de estudo e pesquisa*. 5. ed. Goiânia: Kelps, 2002.

FIORIN, José Luiz. *Introdução ao pensamento de Bakhtin*. São Paulo: tica, 2008.

FREITAS, Paulo Eduardo de. *A crônica: sua trajetória; suas marcas*. Disponível em: <<http://bibliotecadigital.unec.edu.br/ojs/index.php/unec02/article/viewFile/205/284>>. Acesso em: 01 jul. 2013.

SARTRE, Jean Paul. *Entre quatro paredes*. São Paulo: Abril Cultural, 1977. (Coleção Teatro Vivo).